

## NARRATIVAS DE MATERNIDADES E FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESEFID/UFRGS: POTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS VIVIDAS POR ESTUDANTES MÃES NA GRADUAÇÃO E NA PÓS-GRADUAÇÃO

Vera Regina Oliveira Diehl<sup>1</sup>, Simone Santos<sup>2</sup>, Lisandra Oliveira e Silva<sup>3</sup>, Tatiana Martins Terragno<sup>4</sup>, Gabriela Nobre Bins<sup>5</sup>, Ana Paula Dahlke<sup>6</sup>, Natacha da Silva Tavares<sup>7</sup>, Amanda Rosa Ferraz<sup>8</sup>, Elisandro Schultz Wittizorecki<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, veradiehl13@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, simonesantosk@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lisgba@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tatiterragno@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ganobre@hotmail.com

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anapauladahlke@hotmail.com

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tachatavares@gmail.com

<sup>8</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, amandarfrosa@gmail.com

<sup>9</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elisandrosww@gmail.com

### Propósito

Esta pesquisa apresenta resultados preliminares de uma Tese de Doutorado em andamento, que integra o Projeto de Pesquisa “Maternidade, Docência e Educação Física: impactos dessas experiências construídas na formação inicial, na formação permanente e no trabalho de professoras de Educação básica e do ensino superior no estado do Rio Grande do Sul”, e propõe contribuir com a produção de conhecimento acerca do tema das maternidades e da formação em Educação Física, considerando as experiências de vida de estudantes mães no Ensino Superior. Sendo assim, o objetivo geral consiste em compreender como se constroem as trajetórias de vida de estudantes que são mães, durante as formações nos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A pesquisa considera as maternidades enquanto um marcador social da diferença (Moura; Silva, 2024), que produz desigualdades relativas ao direito constitucional ao Ensino Superior no Brasil. Com isso, destaca a necessidade de se elaborar e praticar políticas públicas e institucionais que assegurem o acesso, a permanência e a conclusão dos cursos de formação por parte das estudantes que são mães.

### **Revisão da literatura**

A temática da maternidade tem sido discutida nos estudos feministas, com maior expressão, principalmente, a partir do final dos anos 1960. Badinter (2011), Barbosa (2017) e Scavone (2001) discutem a maneira como o tema vem sendo tratado em nossa sociedade ocidental e euro-estadunidense ao longo do tempo, para além dos seus aspectos médico-biológicos. Essas autoras enfatizam que influências de dispositivos histórico-culturais indicam como devem ser as mães, o que se relaciona diretamente com o lugar atribuído às mulheres na família e na sociedade.

Desse modo, com o advento da sociedade industrial, passamos de um modelo que exaltava o papel da mulher como mãe, ligando a função social da mulher à maternidade, dito modelo “tradicional da maternidade”, para um modelo moderno em que a mulher, além de mãe, pode ser definida com outras identidades e com proles menores. Além disso, com os avanços tecnológicos no campo da contracepção e da concepção, a modernidade ocasiona para as mulheres uma nova possibilidade, mas, do mesmo modo, um dilema: a escolha de ser ou não ser mãe.

No entanto, Badinter (2011) sublinha que, desde os anos 1980, a maternidade vem sendo (re)considerada como “a experiência crucial da feminilidade”, o que interpreta como uma nova onda que recoloca a maternidade como um caminho “natural” para as mulheres. Porém, ao mesmo tempo em que há essa retomada do ideal materno para as mulheres, vivemos em uma sociedade que exige cada vez mais nos outros âmbitos de nossas vidas. Scavone (2001, p.145) reflete que: “[...] a realização da maternidade ainda é um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, já que, nas responsabilidades parentais, ainda são elas as mais sobrecarregadas”.

### **Procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, será realizada uma pesquisa qualitativa do tipo narrativa, na qual, para o estudo piloto - realizado em 2022 e 2023 -, utilizamos questionários e rodas de conversa. Para o estudo principal - realizado em 2024 -, serão utilizados os seguintes procedimentos para obtenção de informações: questionário, observação participante e notas de campo, entrevistas semiestruturadas, grupo de discussão e análise de documentos.

Serão convidadas a participar da etapa principal da pesquisa, 01 mãe negra, 01 mãe atípica, 01 mãe solo, e 01 mãe que viva em conjugalidade, procurando alcançar representatividade tipológica, diante da multiplicidade das maternidades existentes na sociedade.

### **Resultados**

Para o mapeamento preliminar das realidades vividas e das demandas apresentadas pelas estudantes de Graduação e de Pós-Graduação da ESEFID/UFRGS, realizamos, em 2022 e 2023, um estudo piloto através de um questionário online enviado por e-mail através da Comissão de Graduação (COMGRAD) do Curso de Educação Física e da Secretaria do Programa de Pós-Graduação da ESEFID, respectivamente para as estudantes de graduação e de pós-graduação, que são mães ou responsáveis legais por crianças e adolescentes até 21 anos. Em um primeiro levantamento das respostas obtidas com este questionário preliminar, verificamos a relevância do tema de pesquisa para a comunidade Esefidiana. Ao perguntarmos quais são os principais desafios enfrentados para que as estudantes de Graduação e de Pós-Graduação se mantenham estudando, ao mesmo tempo em que são responsáveis pelo cuidado de crianças e/ou adolescentes, obtivemos 101 respostas.

A partir das análises do mapeamento realizado e das respostas obtidas através do questionário preliminar, realizamos duas rodas de conversas com 3 estudantes (1 da graduação e 2 da pós-graduação).

A partir do conjunto das informações obtidas identificamos três categorias de análises: tempo, saúde mental e práticas pedagógicas. O tempo figurou como o principal desafio para a permanência na Universidade simultaneamente às responsabilidades com o cuidado de crianças e/ou adolescentes. Os prejuízos à saúde mental são narrados enquanto esgotamento por pensarem constantemente em meios para equilibrar os cuidados maternos, as dificuldades financeiras e as atividades acadêmicas. Já as práticas pedagógicas do professorado na Universidade podem constituir rede de apoio, ao oferecerem acolhimento, escuta e compreensão acerca das condições impostas pelas diversas maternidades. Contudo, podem contribuir para os processos de exclusão, seja por indiferença ou por assédio moral.

### **Implicações da pesquisa**

A partir disso, identificamos a necessidade de nos apropriarmos de referenciais teóricos feministas que auxiliem a compreensão das questões que envolvem a saúde mental das estudantes mães. Dentre estes referenciais, estão Zanello (2018), que trata dos dispositivos culturais que influenciam os processos de subjetivação e de saúde mental das mulheres em uma sociedade sexista e patriarcal, e Iaconelli (2023), que aborda as contradições da ideologia do maternalismo, frente às teorias psicanalíticas e aos marcadores sociais de raça, classe e gênero.

Nesse sentido, defendemos que a maternidade deve ser compreendida como um marcador social da diferença para se pensar as políticas públicas e institucionais no Brasil, para além dos marcadores de raça, de classe e de gênero. De modo semelhante, Moura e Silva (2023), enfatizam a importância de debates que abordem, para além de raça e classe, as relações assimétricas dos papéis sexuais e a agudização da incidência da maternidade como um marcador das relações sociais.

### **Considerações finais**

Por fim, segundo Moura e Silva (2023), as mulheres que são mães enfrentam privações e dificuldades devido às desigualdades, que, muitas vezes, intersectam raça e classe, incluindo dificuldades de acesso ao mercado de trabalho, que ainda é profundamente influenciado pelo trabalho doméstico, materno e reprodutivo.

Na vida acadêmica, as estudantes mães enfrentam dificuldades e falta de reconhecimento de suas especificidades (Moura; Silva, 2023). Portanto, a maternidade não pode mais ser vista como uma condição individual e padronizada, mas como um fenômeno histórico e político que tem empurrado as mães para situações extremas de vulnerabilização financeira e psicológica.

Percebemos que compreender as maternidades enquanto marcador social da diferença, implica em criar espaços de diálogo e de acolhimento às estudantes mães nas universidades, reconhecendo a importância de vivenciar as maternidades de forma mais comunitária e inclusiva. Além disso, para além da situação de opressão e de vulnerabilidade vividas pelas estudantes mães, evidenciamos brechas onde as maternidades podem ser percebidas como

potência e formas de resistência. Essas ações transgressoras, que vão além das denúncias, passam por processos de conscientização e de trocas de experiências, muitas vezes vividas no interior dos coletivos maternos e amparados nas redes de apoio e de afeto que as estudantes encontram nas trajetórias formativas, e que possibilitam que consigam concluir suas formações, apesar de políticas institucionais ainda incipientes.

#### REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro, Record.
- Barbosa, P. (2017). *O filho é da mãe?* (1 ed.). Fortaleza: Substância.
- Iaconelli, Vera. (2023). *Manifesto Antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. (1 ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Moura, I. de O. E. de S.; Silva, J. M. S. (2024). Maternidade como marcador da diferença nas relações sociais. *Mosaico - Revista de História*, 16(4), 54-64. <https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.13536>.
- Scavone, L. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. (2001). *Cadernos Pagu*, 16, 137-150. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>.
- Zanello, Valeska. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. (1ed.). Curitiba: Appris.